

O USO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COMO SUBSÍDIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Sabrina Koinaski Farinello¹
Joce Daiane Borilli Possa²

RESUMO

O presente trabalho aborda como temática “A Síndrome de Down e o uso de jogos pedagógicos no processo do desenvolvimento motor e cognitivo das crianças com Síndrome de Down”, e tem por objetivo identificar, através de referencial bibliográfico, de que maneira os jogos pedagógicos contribuem para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica amparou-se em autores como: Kishimoto, Costa e Vygotsky, entre outros, que contribuem para compreender o cenário em que a temática se insere. Diante das análises apresentadas no decorrer da pesquisa foi possível compreender que a ludicidade tem papel importante no desenvolvimento das crianças na infância, e que age como um fator potencializador das ações educativas. O levantamento bibliográfico destacou ainda, que o uso de jogos pedagógicos, pode ampliar a participação das crianças por meio de adaptação de recursos e estratégias que ofereçam oportunidades de experimentação, aprendizado e interação durante jogos e brincadeiras. Neste cenário, a atuação dos professores é fundamental, pois ele é o agente capaz de conhecer as necessidades da criança, respeitar seus ritmos e incentivar as ações que permitam suas aprendizagens através da exploração do mundo ao seu entorno.

Palavra-chave: Síndrome de Down; Jogos pedagógicos; Educação Infantil; desenvolvimento motor e cognitivo.

INTRODUÇÃO

A temática escolhida para a pesquisa denota a importância na discussão e estudo acerca do uso de jogos pedagógicos como subsídio para o desenvolvimento de ações pedagógicas com crianças com Síndrome de Down na educação infantil. Partiu da investigação da relação entre os jogos pedagógicos e o processo de aprendizagem em crianças com a Síndrome de Down, destacou-se a potencialização no desenvolvimento motor e cognitivo nas crianças com Síndrome de Down através deste artefato pedagógico.

A escolha da temática da pesquisa se deu por motivações pessoal e profissional. Pessoal, pois, com o nascimento de meu afilhado Miguel, que tem Síndrome de Down,

¹ Estudante do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. farinellosabrina@gmail.com

² Pedagoga, Mestre em Educação. Professora Orientadora da Disciplina de TCC II. joce.uceff@gmail.com

senti a necessidade de aprofundar-me na temática e contribuir com o desenvolvimento dele. E ainda, profissional, na medida em que entendo que em minha atuação docente necessito de conhecimento acerca da temática para contribuir nos processos educativos das crianças com as quais possa vir a atuar.

Além disso, a contribuição acadêmica desta pesquisa possibilita a discussão acerca da potencialidade dos jogos pedagógicos para as crianças com a Síndrome de Down e a possibilidade de criar ambientes mais inclusivos. Vale destacar aqui, que o levantamento teórico apresentou a quase inexistência de pesquisas acadêmicas relacionadas a tal temática, portanto, esta pesquisa fundamenta-se na importância de contribuir com a produção acadêmica e científica.

O estudo proposto caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como objetivo geral identificar, por meio de referência bibliográfica, de que maneira os jogos pedagógicos contribuem para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil. Do objetivo geral derivam os seguintes objetivos específicos: selecionar produções acadêmicas acerca da Síndrome de Down, suas características e especificidades; relacionar a importância do uso de jogos pedagógicos ao desenvolvimento infantil de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil; analisar, por meio de pesquisa bibliográfica, a existência de práticas pedagógicas voltadas ao uso de jogos pedagógicos com crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil.

A revisão bibliográfica se deu a partir de busca em banco de dados virtuais utilizando os seguintes termos indutores: *Síndrome de Down, desenvolvimento e jogos*. A busca resultou na seleção de quatro textos que mais se aproximaram da temática da pesquisa, sendo eles: uma tese, um artigo, duas dissertações e uma monografia. O recorte temporal foi entre os anos de 2010 a 2021. Saliento que não foi realizado um profundo estado da arte, mas a busca de algumas pesquisas que pudessem contribuir para a melhor compreensão do objeto de investigação.

Diante das constatações realizadas a partir da pesquisa bibliográfica, a seguir apresento os principais elementos teóricos que fundamentam esta pesquisa.

A Síndrome de Down e o uso de jogos pedagógicos.

A Síndrome de Down é uma condição genética que ocorre devido à presença de um cromossomo extra no par 21. Essa condição, geralmente, resulta em características físicas distintas e em algumas deficiências intelectuais. Diante disso, muito antes da nomenclatura ser conhecida como Síndrome de Down, um médico chamado John Langdon Down caracterizou a Síndrome como "mongolismo".

Down acreditava que a condição que agora chamamos de síndrome de Down era um retorno a um tipo racial mais primitivo. Ao reconhecer nas crianças afetadas uma aparência oriental, Down criou o termo "mongolismo" e chamou a condição, inadequadamente de "idiota mongolóide". Hoje sabemos que as implicações raciais são incorretas. "Por essa razão e também por causa das conotações étnicas negativas dos termos mongol, mongolóide e mongolismo, terminologia desse tipo deve ser definitivamente evitada". (Pueschel, 1993, p. 48 e 49).

Após análises e estudos, descobriu-se que a Síndrome de Down pode ocorrer devido a três tipos principais de anomalias cromossômicas, sendo elas: Trissomia Simples, Translocação e Mosaico, cada uma com suas particularidades e diferenças. Abaixo, destacam-se algumas dessas particularidades.

- *Trissomia Simples*: Refere-se a uma condição na qual uma pessoa possui três cópias de um determinado cromossomo em vez das duas cópias normalmente presentes.
- *Translocação*: É um tipo de alteração cromossômica que ocorre quando um pedaço do cromossomo 21 se desloca para outro cromossomo, geralmente o cromossomo 14. Isso resulta em um portador da Síndrome de Down que possui três cópias do cromossomo 21 em algumas das suas células.
- *Mosaico*: Neste caso, apenas algumas células apresentam a trissomia, enquanto outras células possuem o número normal de cromossomos.

Para Pueschel (1995, p. 61),

Independente do tipo, quer seja trissomia 21, translocação ou mosaicismo, é sempre o cromossomo 21 o responsável pelos traços físicos específicos e função intelectual limitada observados na grande maioria das crianças com Síndrome de Down. Entretanto, não se sabe de que forma os genes do cromossomo extra interferem no desenvolvimento do feto, levando às características físicas e aos efeitos nocivos sobre a função cerebral. (Pueschel, 1995, p. 61).

As crianças com Síndrome de Down podem apresentar características bem marcantes, dentre elas:

- Olhos mais puxadinhos, rosto mais arredondado e orelhas pequenas;
- Hipotonia: diminuição do tônus muscular, que faz com que o bebê seja menos rígido e contribui para dificuldades motoras;
- Mãos menores com os dedos mais curtos e em quase todos os casos a prega palmar única;
- Pescoço curto e largo;
- Habilidades motoras limitadas.

Podem ainda apresentar algumas dificuldades no processo de aprendizado, como atraso no desenvolvimento da fala, dificuldades de leituras e escrita, e desafios na compreensão abstrata. No entanto, é importante ressaltar que varia de criança para criança, algumas podem ter habilidades intelectuais e de aprendizado mais desenvolvido, enquanto outras podem encontrar maiores desafios. Segundo Smith e Strick “o termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico (2001, p. 15)”.

Segundo Garcia (1991),

“Dificuldade de Aprendizagem (D.A.) é um problema que está relacionado a uma série de fatores e podem se manifestar de diversas formas como: transtornos, dificuldades significativas na compreensão e uso da escuta, na forma de falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas. Esses transtornos são inerentes ao indivíduo, podendo ser resultantes da disfunção do sistema nervoso central, e podem acontecer ao longo do período vital. Podem estar também associados a essas dificuldades de aprendizagem, problemas relacionados às condutas do indivíduo, percepção social e interação social, mas não estabelecem, por si próprias, um problema de aprendizagem. (García, 1991, p. 31-32)”.

As variadas consequências da Síndrome de Down (SD) no desenvolvimento humano podem variar de acordo com o tipo de anomalia cromossômica e até mesmo, de acordo com os diferentes organismos. Porém, as limitações cognitivas e motoras são uma realidade em todos os casos e vão muito além de apenas características e traços físicos aparentes. Segundo (Lewis, 2004), podem causar problemas de visão e audição, doenças de coração e rins, e ainda, uma maior predisposição para diabetes e alterações da tireoide. Buckley e Bird (1994 apud Bissoto, 2005) sugerem ainda que os primeiros anos de vida podem apresentar dificuldade/atraso na fala e no desenvolvimento cognitivo e motor.

É fato, que as pessoas com Síndrome de Down necessitam de suporte profissional, e que esses profissionais precisam conhecer as suas especificidades, para garantir e

otimizar o processo de ensino e aprendizagem, e possivelmente, propiciar o seu desenvolvimento.

No entanto, autores como Wuo, (2007) sugerem que são as barreiras atitudinais que precisam ser enfrentadas a partir de uma "ampla discussão da sociedade, permitindo uma reflexão sobre a forma de agir com relação à diferença".

Para a autora,

[...] o desenvolvimento de uma pessoa com SD, a exemplo de qualquer outra pessoa, deve ser considerado em seus aspectos cognitivos, afetivos, lingüísticos e motores, uma vez que cada um desses aspectos, em conjunto com a família, a escola e o entorno social, se inter-relacionam e se constituem mutuamente. O modo como a pessoa com SD é concebida pelos outros pode implicar, portanto, ganhos ou prejuízos para o seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e lingüístico, pois estes são socialmente construídos. A pessoa com SD é, como nos aponta o autor, "*mucho más que su carga genética, es un organismo que funciona como un todo y la genética es sólo una posibilidad*" (p.33), ou seja, são as determinações sociais, e não somente as biológicas ou genéticas que irão lhes permitir o desenvolvimento e, conseqüentemente, sua constituição enquanto sujeito (Wuo, 2007, s/n).

Pode-se dizer então, que embora os indivíduos com Síndrome de Down possuem distintos níveis de atraso motor os resultados podem variar conforme a tarefa solicitada e de acordo com as individualidades do sujeito. Destaca-se, portanto, que os programas de intervenção (atendimento especializado em saúde e educação) podem auxiliar no desenvolvimento deste público, contribuindo para a diminuição do atraso motor, independentemente da faixa etária.

Não é novidade no campo da pesquisa e dos estudos sobre a infância, que a ludicidade e o uso dos jogos são instrumentos importantes para potencializar as aprendizagens das crianças. Neste sentido, as pesquisas sobre sua aplicabilidade nos processos de aprendizagem de crianças com Síndrome de Down também vêm recebendo destaque.

De acordo com Costa (2005, p.45),

“A palavra lúdica vem do latim ludus e significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras e a palavra é relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Por sua vez, o jogo possibilita a aprendizagem do sujeito e o seu pleno desenvolvimento, já que conta com conteúdo do cotidiano, como as regras, as interações com objetos e o meio e a diversidade de linguagens envolvidas em sua prática”. (Costa, 2005, p.45).

Sendo assim, o brincar e a ludicidade desempenham um papel fundamental no desenvolvimento motor e cognitivo de crianças. No que se refere às crianças com

Síndrome de Down, devido às características próprias dessa condição genética, as crianças podem apresentar atrasos no desenvolvimento motor e dificuldades no processo de brincar e explorar as brincadeiras.

De acordo com Costa (2006), no que se refere ao desenvolvimento motor, os jogos e a ludicidade proporcionam oportunidades para que as crianças com Síndrome de Down possam praticar e aprimorar suas habilidades físicas e de coordenação motora.

Por meio de brincadeiras e atividades que envolvem movimentos de corpo inteiro, como jogos de bola, danças e atividades ao ar livre, eles desenvolvem a coordenação motora, o equilíbrio, a força muscular e a consciência corporal. Além disso, jogos que envolvem o uso de objetos e brinquedos também ajudam a desenvolver a coordenação motora fina, como encaixar peças, construir estruturas e desenhar. Para Kishimoto (1997),

[...] os jogos e brincadeiras educativas, estão orientadas para estimular o desenvolvimento cognitivo e são importantes para o desenvolvimento do conhecimento escolar. São fundamentais para a criança por iniciá-la em conhecimentos e favorecer o desenvolvimento mental (Kishimoto 1997, p. 104).

A ludicidade, portanto, oferece um ambiente propício para a aprendizagem, o que promove o engajamento e a motivação das crianças com Síndrome de Down. Isso torna o processo de desenvolvimento e aprendizado mais prazeroso e estimulante, facilitando a assimilação de novos conhecimentos e habilidades.

Segundo Kishimoto, os jogos e a ludicidade também se caracterizam como ferramentas valiosas no desenvolvimento motor e cognitivo em crianças com Síndrome de Down, proporcionando estímulos adequados e acessíveis para que essas crianças possam explorar, aprender e se desenvolver de maneira eficaz e divertida. Para Kishimoto (apud Lucena, 2004, p. 43),

A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção de conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos que não existem nos jogos. Ao utilizar de modo metafórico, a forma lúdica (objeto suporte de brincadeira) para estimular a construção do conhecimento, o brinquedo educativo conquistou um espaço definitivo na Educação Infantil. (apud Lucena, 2004, p. 43)

Segundo estudos de Pelosi, Teixeira, Nascimento (2019), é possível destacar que o uso de ferramentas lúdicas no trabalho com crianças com deficiência aumenta o interesse e a motivação na realização das atividades de reabilitação. Neste grupo estão também as

crianças com Síndrome de Down, para as quais, o uso de jogos pedagógicos, pode ampliar a participação por meio de adaptação de recursos e estratégias que ofereçam oportunidades de experimentação, aprendizado e interação durante jogos e brincadeiras.

Para Carvalho e Bastos (2022) as crianças com Síndrome de Down apresentam limitações e déficits e que a utilização de jogos pode auxiliar no desenvolvimento das áreas com atraso. Algumas das áreas citadas pelas autoras são: tonicidade e comunicação não verbal; controle postural e equilíbrio com a atenção, a integração sensorial e a regulação comportamental; lateralização com a especialização hemisférica e o potencial de aprendizagem.

A potencialização dessas áreas, segundo as autoras, pode se dar por meio da utilização de jogos pedagógicos e da ludicidade, já que essas atividades possibilitam o exercício das capacidades mentais de maneira prazerosa.

Para Garcia, Roth e Sobreiro (1991), as crianças com Síndrome de Down necessitam de um ambiente com maiores estímulos e de maior intervenção do educador devido a redução de suas capacidades motoras e intelectuais, e, portanto a utilização de jogos pedagógicos pode auxiliar na organização desse ambiente. Para tais autores elas “precisam ser auxiliadas a explorar os objetos manualmente bem como visualmente e aplicar tais experiências ao aprendizado cognitivo” (Garcia, Roth, Sobreiro, 1991, p. 43).

O desenvolvimento mental durante os primeiros três anos de idade de crianças com Down se dá, em média, na metade da velocidade normal, o que significa que a maioria dessas crianças, aos 2 anos, está, em média, no mesmo estágio atingido por bebês entre 12 e 14 meses. Nos anos seguintes, o ritmo do desenvolvimento mental reduz-se a um terço daquele de uma criança normal. Agarrar com as mãos, engatinhar e andar são enormes desafios nos primeiros dois ou três anos de vida (Toledo, 2006, p. 28).

Deste modo, é possível dizer que o brincar da criança com Síndrome de Down pode ser influenciado fortemente pelos fatores citados por Toledo (2006), “o interesse, a destreza, a força muscular, o tempo de atenção e a experiência são alguns entre muitos fatores que podem resultar no sucesso ou fracasso do evento” (p. 28).

Acerca desse fenômeno Pueschel (1993) sugere,

Com apoio e assistência apropriados, a criança com atraso de desenvolvimento pode tornar-se cada vez mais interessada em tarefas mais desafiadoras, desde que estas sejam apresentadas de uma maneira que garanta o prazer e o sucesso. Brinquedos de ação são preferíveis àqueles que podem ser pedagógicos, mas não oferecem interesse e diversão suficientes. As tentativas da criança ao brincar devem sempre resultar em algum tipo de mudança visível e concreta em decorrência de seus esforços, “por exemplo, se ela aperta um botão, um

palhaço pula da caixa, ou uma bolsa, contendo lindos tesouros, se abre” (Pueschel, 1993, p. 156)

Outro aspecto de destaque, sugerido por Pueschel (1993), é o fato de oportunizar às crianças com Síndrome de Down ampla oportunidade de brincar com crianças sem deficiência e, que o professor pode estruturar o ambiente para atividades lúdicas que promovam o desenvolvimento social e de habilidades cognitivas, que encorajem o jogo imaginativo e a fantasia.

A criança com síndrome de Down pode não processar a informação disponível tão prontamente quanto outras crianças. A mediação em situações como o faz-de-conta ou jogos de papéis ajuda a criança a melhorar suas habilidades sensório-motoras enquanto o aprendizado transcorre em ambiente menos competitivo e focalizado na velocidade de resposta. Assim, a criança é ajudada a adaptar-se gradativamente a um mundo real mais exigente (Pueschel, 1993, p. 158).

Segundo tal autor, a participação da criança com Síndrome de Down nas brincadeiras e situações de faz-de-conta revela suas capacidades concretas e latentes para as brincadeiras conjuntas. Para Pueschel (1993, p. 180), “a escola deve oferecer uma oportunidade para as crianças envolverem-se em relacionamentos com os outros e deve prepará-las para, posteriormente, contribuir de forma produtiva para a sociedade”.

Nesse processo, Toledo (2006) sugere que o papel do professor é fundamental, pois ele é o agente capaz de conhecer as necessidades da criança, respeitar seus ritmos e incentivar as ações que permitam suas aprendizagens através da exploração do mundo ao seu entorno.

A criança com Síndrome de Down deve participar de brincadeiras na areia e na água, para estimulação de sua sensibilidade. Também na água podem ser realizados exercícios respiratórios de sopro e de submersão. Outras atividades comuns na infância também beneficiam o desenvolvimento psicomotor e global: pular corda, jogar amarelinha, jogos de imitação, brincadeiras de roda, subir em árvores, caminhadas longas, uso de brinquedos de parque como balanço, escorregador e gangorra. Posteriormente, a criança deve ter acesso às práticas esportivas, iniciando-se no esporte através da exploração e manuseio dos materiais e participando depois de jogos em grupo com orientação adequada (Toledo, 2006, p. 32).

Para Pereira (2010), a criança com Síndrome de Down precisa participar dessas ações desde muito cedo, pois as experiências prévias possibilitam o sucesso em suas aprendizagens, “aprendizagem, através da brincadeira, torna-se função motivadora,

ajudando, assim, o síndromico de Down a desenvolver confiança em si e suas capacidades, começando a ter maior percepção a respeito do outro” (Pereira, 2010).

CONSIDERAÇÕES

Diante dos aspectos mencionados no decorrer da pesquisa podemos destacar que as crianças com Síndrome de Down necessitam de algumas adequações para o seu desenvolvimento motor e cognitivo, tanto no que se refere ao ambiente escolar como terapêutico. Neste contexto, a utilização de jogos pedagógicos pode se apresentar como um importante instrumento facilitador dos processos de aprendizagem. É importante salientar ainda, que cada criança possui suas particularidades em relação a síndrome, por isso, a utilização dos jogos deve ser adequada à faixa etária e nível de desenvolvimento de cada educando.

As produções acadêmicas selecionadas para compor a pesquisa bibliográfica indicam que a síndrome de Down atinge cerca de 270 mil brasileiros/as, no entanto, a maior incidência de casos ocorre no sexo masculino. As características da síndrome podem ser identificadas desde o nascimento, sendo perceptíveis pelas características físicas (olhos mais puxadinhos, rosto mais arredondado e orelhas pequenas; hipotonia; mãos menores com os dedos mais curtos e em quase todos os casos a prega palmar única; pescoço curto e largo; habilidades motoras limitadas) e cognitivas (atraso no desenvolvimento da fala, dificuldades de leituras e escrita, e desafios na compreensão abstrata).

Considerando a necessidade de estimular as crianças com síndrome de Down desde bebês e a importância de realizar esse trabalho de forma lúdica e prazerosa, destacamos que os jogos pedagógicos contribuem neste processo. Como dito anteriormente, os jogos pedagógicos, devem respeitar a faixa etária e o desenvolvimento de cada educando e dentre os que merecem destaque, podemos citar: blocos de montar e encaixar, jogos com regras como o dominó, jogos de circuito; materiais heurísticos, carrinhos e bonecas; livros de literatura interativos, entre outros, que possibilitam estimular a imaginação e a criatividade, além da motricidade e da cognição.

Dentre os autores pesquisados é unânime a defesa de que os jogos pedagógicos contribuem para o desenvolvimento das crianças com síndrome de Down. No que se refere ao desenvolvimento motor, os autores acessados sugerem que, estes, proporcionam oportunidades para que as crianças possam praticar e aprimorar suas habilidades físicas e

de coordenação motora. Propõe ainda, que os jogos são ferramentas valiosas que proporcionam estímulos adequados e acessíveis para que essas crianças possam explorar, aprender e se desenvolver.

No que tange ao desenvolvimento cognitivo, pode-se dizer que ele não é somente mais lento, mas também se processa de forma diferente, em outras palavras, “o desenvolvimento, em parte, é definido pelo processo de maturação do organismo, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento, que ocorrem no contato direto do indivíduo com o ambiente que o cerca” (Voivodic e Storer, 2002, p. 32). Deste modo, destacamos o uso de jogos pedagógicos como um importante facilitador para que a criança com síndrome de Down possa acessar o mundo social.

Quando se pretende melhorar as condições cognitivas das crianças com Síndrome de Down, torna-se necessário qualificar os contextos onde vivem, ou seja, os espaços em que a criança encontra-se precisam estar preparados e os profissionais que atuam com ela necessitam compreender a importância da utilização dos jogos pedagógicos no desenvolvimento motor e cognitivo.

Para tanto, o papel dos professores é fundamental, pois eles são os agentes capazes de conhecer as necessidades da criança, respeitar seus ritmos, organizar espaços e materiais adequados e incentivar as ações que permitam novas aprendizagens através da exploração do mundo ao seu entorno.

A criança com Síndrome de Down precisa estar envolta em uma prática pedagógica na qual ela seja ativa, onde seu potencial seja valorizado, e que ações pedagógicas permitam levar a criança à elaboração de novas habilidades. Para que isso seja possível, as especificidades da criança precisam ser levadas em consideração desde a constituição do planejamento, com especial atenção à organização dos espaços, dos tempos, dos materiais, do mobiliário, etc.

Portanto, a Educação Infantil tem um papel importante na constituição de aspectos como a participação em jogos, o uso significativo dos objetos culturais, a elaboração do pensamento, da linguagem, o respeito a regras, entre outros. O trabalho pedagógico, portanto, deve ser organizado de maneira intencional envolvendo os interesses e motivações da criança e favorecendo as ações dela com seus pares. Lima (2012) destaca a importância das atividades lúdicas, jogos e brincadeiras na rotina diária da criança oportunizando condições para que ela se envolva e desenvolva brincadeiras de faz de conta.

No entanto, esse trabalho não deve ser solitário, ou seja, ações conjuntas com outros profissionais podem fortalecer os processos de desenvolvimento e inclusão. Práticas colaborativas entre os professores do AEE e professores da sala regular, podem ajudar a pensar em estratégias, recursos, e num planejamento para que a aprendizagem das crianças com Síndrome de Down seja potencializada.

Durante o levantamento bibliográfico, percebemos que vários pesquisadores têm desenvolvido estudos acerca das práticas pedagógicas realizadas em ambientes regulares de ensino com crianças com Síndrome de Down na etapa da Educação Infantil, e estes nos revelaram a complexidade de tal processo. Além da escassez de pesquisas na área, as produções existentes em sua maioria não contemplam a prática pedagógica de forma prioritária, apenas discorrem sobre elas de maneira superficial.

A pequena quantidade de pesquisas encontradas sinaliza a necessidade de realização de estudos futuros que considerem a utilização de jogos pedagógicos nas práticas com crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil. Refletir sobre tal processo mostra-se uma temática emergente, não para que esses trabalhos sirvam como uma prescrição aos professores, mas para que essas pesquisas ampliem as discussões e se mostrem como possibilidades educativas em uma etapa escolar que por muitos anos foi permeada de descrenças sobre o ensinar.

A nova forma de conceber a deficiência intelectual e o papel da escola na perspectiva inclusiva e no mundo contemporâneo interpõe esta exigência: transformar as práticas pedagógicas, pois somente assim será possível reconstruir a abordagem educacional do trabalho com a pessoa com deficiência numa proposta inclusiva (Oliveira, 2018, p. 45).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Giuliana; BASTOS, Laydy. **Como utilizar jogos eletrônicos para o desenvolvimento neuropsicopedagógico de crianças com Síndrome de Down?** 2022. Disponível em <https://laboro.edu.br/blog/e-melhor-intervir-em-criancas-com-sindrome-de-down-diante-dessas-tecnologias-parte-se-do-suposto-que-os-aplicativos-e-jogos-virtuais-po/> Acesso em 03 de set. de 2023.

COSTA, Dóris Anita Freire. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. **Rev. psicopedag.** vol.23 no.72. São Paulo, 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

[84862006000300007#:~:text=Implicam%20o%20enriquecimento%20do%20ambiente,para%20o%20desenvolvimento%20do%20indiv%C3%ADduo.](#) Acesso em 27 de ago. 2023.

COSTA, Marisa Vorraber. Apresentação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. Lamparina: Rio de Janeiro, 2007. p. 2.

GARCIA , G.L.; Roth, M.G.M.; Sobreiro, B.P. **Síndrome de Down: Manual de Orientação para Pais**. Pelotas: UFPEL/Editora Universitária, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko. **Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Educação**. São Paulo: editora Cortez, 1997.

PELOSI, Miryam Bonadiu; TEIXEIRA, Pablo de Oliveira; NASCIMENTO, Janaína Santos. O uso de jogos interativos por crianças com síndrome de Down. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** 27 (4). Out/dez, 2019.

PEREIRA, Shirlei Praxedes. A criança com síndrome de down. **Monografia**. São Sebastião do Paraíso – MG. 2010. Disponível em: http://unipe.br/blog/psicologia/?page_id=26. Acesso em 05 de set. 2023

PUESCHEL, Siegfried. **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. Campinas: Papyrus, 1993.

TOLEDO, Demétrio. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Pioneira, 2006.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A.. STORER, Márcia Regina de Souza. O desenvolvimento cognitivo das crianças com síndrome de Down à luz das relações familiares. **Psicologia: Teoria e Prática** – 2002, 4(2):31-40. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v4n2/v4n2a04.pdf> Acesso em 16 de nov. de 2023

Wuo, Andréa Soares. A construção social da Síndrome de Down. **Cad. psicopedag.** v.6 n.11 São Paulo 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100002 Acesso em 27 de ago. 2023.